

## Bresser-André Nassif sobre desindustrialização

### De André Nassif para Bresser (22.6.12)

Caro Prof. Bresser,

Demos a mão à palmatória e reconhecemos também evidências de desindustrialização precoce. Dividimos os autores que dão ênfase a indicadores domésticos, tomados isoladamente (Rowthorn, etc.) e os estruturalistas que seguem a tradição kaldoriana (citamos Palma e Bresser-Pereira).

A bem da verdade, no sentido Kaldor, é pouco provável um país estar em falling behind sem estar se desindustrializando.

Estou enviando esta versão em particular, com cópia para a sra. Cecilia Heise, a quem peço a gentileza de imprimir e deixar sobre sua mesa, pois espero seus comentários e eventuais sugestões.

Grande abraço

### De Bresser para Nassif c/ Carmen Feijó e Eliane Araújo (24.6)

Caro Nassif

Muito obrigado pelo envio de mais um excelente paper com Carmen e Eliane. Os resultados são muito claros.

Você pede meus comentários. Vou ser franco. Eu entendo que é absurdo usar como fundamento teórico dos seus achados os modelos Kaldor-Thirwall. Todas as suas ideias, tanto as corretas (a importância da industrialização para o desenvolvimento, os rendimentos crescentes) quanto as equivocadas (a "restrição externa" baseada nas elasticidades renda) estavam já nos economistas do desenvolvimento dos anos 1940 e 1950. E não havia nelas **nada** para explicar a desindustrialização. Ao invés, vocês deveriam se referir a meus três modelos teóricos fundamentais (a base da Macroeconomia Estruturalista do Desenvolvimento que venho desenvolvendo há dez anos): o modelo da crítica da restrição externa a ser resolvida por recurso à poupança externa (que, no fundo, é uma crítica a Thirwall e a todo o estruturalismo dos anos 1940 e 1950), o modelo da doença holandesa com duas taxas de câmbio de equilíbrio, e o modelo da tendência à sobreapreciação cíclica e crônica da taxa de câmbio. Foram eles que eu usei para, em 2005, concluir que o Brasil estava em desindustrialização. Eles já estão em Globalização e Competição, e tenho agora um resumo e atualização deles no paper anexo, "Structuralist development macroeconomics and new developmentalism".

Não sei quando terminará esse problema dos intelectuais brasileiros de acreditarem que brasileiro não faz teoria; que teoria é prerrogativa dos Kaldor (OK, Kaldor foi

grande) e de Thirlwall (um economista muito mais modesto).

Ao lerem este e-mail talvez vocês pensem com seus botões, "o Bresser perdeu a medida das coisas". Pode ser. Mas eu estou convencido que eu desenvolvi a base de uma teoria nova. Que uma escola nova de pensamento está surgindo no Brasil, uma macroeconomia keynesiano-estruturalista. Que precisa de verificações empíricas e de aperfeiçoamentos teóricos. Vocês estão fazendo a primeira tarefa, e ignorando a segunda.

Um abraço cordial, e até Bilbao. Bresser.

### **De André Nassif para Bresser (24.6)**

Caro Bresser

Acho que preciso me engajar mais nos seus trabalhos e esforços, que têm sido notáveis.

Para começar vou já me oferecendo: aceito todos os convites que me forem feitos para aqueles seus ótimos workshops.

Vou ler (alguns reler) com mais atenção seus trabalhos.

E não se preocupe. Não me incomodo com críticas.

Grade abraço

### **De Bresser para André Nassif (c/ Carmen Feijó e Eliane Araújo) (24.6)**

Caro Nassif,

Obrigado pelo e-mail. Você é ótimo.

No e-mail anterior eu deixei de dizer por que a Macroeconomia Estruturalista do Desenvolvimento explica a desindustrialização brasileira. A explicação é simples.

Entre 1990 e 1992, com a abertura comercial e financeira, o Brasil deixou de neutralizar a doença holandesa e, mais amplamente, de administrar sua taxa de câmbio - algo que fizera desde 1930 e suspendera apenas brevemente em 1961. Deixou, portanto, de ter o imposto disfarçado que era denominado "confisco cambial" pelos exportadores de commodities, que neutralizava a doença estrangeira. Em consequência desse fato e de o governo também haver suspenso qualquer controle de entrada de capitais (coisa que fizemos em várias ocasiões, principalmente no regime militar), a taxa de câmbio brasileira, que durante muitos anos girara em torno do "equilíbrio industrial" (que vocês calcularam como sendo de R\$ 2,80), tornou-se cíclica e cronicamente

sobreprouiciada, e isto desencadeou a desindustrialização. Uma desindustrialização moderada porque nossa doença holandesa não é grave como, por exemplo, a da Venezuela, e porque ainda existem tarifas alfandegárias (que substituem a taxa de câmbio nas importações) e outros obstáculos às importações.

Não tenho seminários programados. Assim que tiver, terei prazer em convidá-lo. E não deixe de me avisar caso venha a São Paulo.

Pensem em enviar este último paper para a Brazilian Journal of Political Economy, em inglês.

Um abraço, Bresser